

Cognatos e falsos amigos entre LSB e ASL

Thaysa dos Anjos Silva Romanhol¹

Leandro Andrade Fernandes²

Resumo: O objetivo deste trabalho é comparar elementos lexicais da Língua de Sinais Americana (ASL) e a Língua De Sinais Brasileira (LSB) a partir de uma possível influência histórica da Língua de Sinais Francesa (LSF). O *corpus* para esta investigação foi coletado do *site* de recursos *American Sign Language University (ASLU)*. Foram coletados quinhentos e noventa e cinco sinais em ASL a serem comparados com a LSB. Neste cotejo, o instrumento utilizado para a comparação na LSB foi o vocabulário presente no Novo DEIT-Libras e, *a posteriori*, os sinais foram transcritos. Foi empregado para a escrita dos sinais aqui examinados o Sistema Brasileiro de Escrita de Sinais – ELiS, por considerar que esta escrita melhor representa as línguas de sinais. Os elementos lexicais analisados foram divididos em cognatos, vocabulários similares e falsos cognatos. Certificou-se que um mesmo signo possui um valor diferenciado se comparado com outra LS, comprovando a arbitrariedade presente nessas línguas.

Palavras-chave: Cognatos. Falsos amigos. Línguas de Sinais.

-
- 1 Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás-UFG/Regional Catalão, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás-FAPEG; professora auxiliar de Libras na Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Contato: thaysa.anjos@hotmail.com.
 - 2 Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás-UFG/Regional Catalão, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás-FAPEG; professor auxiliar de Libras na Universidade Federal do Tocantins-UFT. Contato: leandroandrade.letras@gmail.com.

Apresentação

As inquietações para a realização desse trabalho surgiram do grupo de estudos LALELIS³ criado na Universidade Federal de Goiás. As pesquisas na área de cognatos em Línguas de Sinais, doravante LS, são pouquíssimas, principalmente as envolvendo a LSB. A ideia geral desse estudo é comprovar ou refutar a hipótese da ligação entre Língua de Sinais Americana (ASL) e a LSB como descendentes da Língua de Sinais Francesa (LSF), a partir de comprovações históricas, bem como verificar a similaridades de ambas as línguas. O *corpus* foi coletado em um *site* de ensino da ASL, e comparado com os sinais de um dicionário de grandes *corpora* da LSB. Foi usado para a escrita desses dados o Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais-ELiS, que procura descrever os sinais a partir de seus parâmetros linguísticos. Será que a LSF tem grande participação lexical na descendência da LSB e ASL? A quantidade de cognatos entre ambas as línguas poderia auxiliar no aprendizado uma da outra? Elas possuem um grande léxico em comum?

1 Línguas de sinais em questão

As LS, e em especial os falantes surdos, foram alvos de discriminação durante um longo período. O processo histórico da educação de surdos foi marcado por conflitos desde a Idade Antiga, quando Aristóteles já alegava que só através da linguagem uma pessoa poderia se tornar humana, e no caso dos surdos, estes se caracterizavam como uma espécie sem chances de desenvolver as faculdades intelectuais, tornados assim seres “insensatos e naturalmente incapazes de razão” (STROBEL, 2009, p. 18). As pessoas com algum tipo de deficiência, nesse caso os surdos, eram reconhecidos sob a perspectiva de uma abordagem clínica, medicamentosa, na qual era possuidor de um mal que deveria ser curado. Anos depois, já na Idade Moderna, o monge Pedro Ponce de León (1520-1584) viveu na Espanha e dedicou parte de sua vida à educação de Surdos, impulsionando com o seu trabalho o abatimento de crenças firmadas no passado. Ele se dedicou aos surdos utilizando como métodos de ensino simultâneos à escrita, dactilologia⁴ e a oralização das palavras. Charles Michel de L’Epée (1712-1789) foi o primeiro nome a considerar os “sinais” como a língua dos surdos, sendo o responsável pela fundação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris. Ele se apropriou do

3 Laboratório de Leitura e Escrita em LS, coordenado pela Professora Doutora Mariângela Estelita de Barros.

4 Grafia atual: “datilologia”. Definição de Coutinho (2009, p. 49): Termo empregado quando se utiliza o “alfabeto manual para a soletração de palavras das Línguas Oraís”. No caso acima, a soletração de palavras da língua espanhola.

alfabeto manual de León e criou seu próprio sistema baseado em uma estrutura visual para ensinar a escrita do francês.

Nos Estados Unidos a LS obteve maior sucesso com Thomas Gallaudet e Laurent Clerc. A procura de uma metodologia pela qual os surdos pudessem compreender melhor os conteúdos em LS, Gallaudet vai à Inglaterra ao encontro de Sicard e Clerc. Em 1817, Gallaudet e Clerc seguem para os EUA e fundam a escola intitulada “*American Asylum for the Instruction and Education of Deaf and Dumb*”. A respeito da língua pela qual ele desenvolveu suas instruções, “no início, Clerc trabalhou, sobretudo, com base na língua gestual francesa, que acabaria por evoluir para uma língua gestual americana construída sob diferentes influências internas” (COUTINHO, 2008, p. 40). A partir do contato entre LSF e ASL, os surdos que passavam pela referida instituição fundavam outras escolas e disseminavam a língua que outrora fora aprendida. Contudo, segundo Savitt (2007), a atual ASL pode ter sofrido algum tipo de influência de outras LS já existentes nos EUA antes da chegada de Clerc, como é o caso da ilha de Martha Vineyard, de 1690. Devido a uma doença hereditária que atacou grande parte da população, esta ilha ficou conhecida pela grande quantidade de surdos que utilizavam a chamada *Martha’s Vineyard Sign Language-MVSL* para se comunicarem.

Registros históricos apontam que a LSF influenciou não somente a ASL, mas também a Língua de Sinais Brasileira-LSB. Ernest Huet foi um surdo francês que veio para o Brasil em 1852 negociar com o imperador a implantação de uma escola para surdos e trouxe com ele a LSF. Somente em 1857 conseguiu a aprovação legal para o funcionamento do Instituto dos Surdos Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdo-INES (ROCHA, 2008). Dessa forma, Huet “trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais para o Brasil. Os surdos brasileiros, que deviam usar algum sistema de sinais próprio, em contato com a *Língua de Sinais Francesa (LSF)* produziram a *Língua de Sinais Brasileira*” (MONTEIRO, 2006, p. 296). Antes da chegada de Huet havia algum sistema de comunicação utilizado no Brasil, mas este só foi desenvolvido a partir da combinação com a LSF. A LSB só foi reconhecida oficialmente como língua há 14 anos mediante a promulgação da lei 10.436/02. A referida legislação a declara como um sistema linguístico de estrutura visual-motora, detentor de gramática própria, que expressa “ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

Os estudos linguísticos sobre as LS foram marcados inicialmente por Willian Stokoe, quando em 1965 analisou a estrutura da ASL. Ele foi um dos primeiros a examinar a decomposição das menores partes de um sinal, sua organização interna, e estabeleceu inicialmente que eles se constituíam em 3 partes: locação, configuração de mão e movimento. Com base nesse estudo, posteriormente Battison (1974) inseriu mais duas categorias às já descobertas por Stokoe: orientação da mão e aspectos não-manuais dos sinais. Aqui no Brasil, destacam-se estudos linguísticos de Ferreira

-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) sobre LSB. São, portanto, os parâmetros estruturais adotados para LSB: Configuração de Mão-CM, Ponto de Articulação-PA, Movimento-MO, Orientação da Palma-OP, e Expressões Não Manuais-ENM.

2 O léxico

É sabido que a Linguística, ciência que se atribui da linguagem, possui vários ramos de estudo ligados à língua. A fonética, semântica, sintaxe, e “junto à morfosintaxe e à fonologia, o léxico constitui outro grande componente da língua” (ANTUNES, 2012, p. 27). O léxico comporta, portanto, o conjunto de escolhas lexicais abstratas disponíveis aos falantes de uma dada língua. Isso porque ele compõe a parte interior mental da língua, e também exterior, quando é manifestado individualmente pela fala e se convencionaliza socialmente com os integrantes do grupo.

No momento da enunciação o indivíduo escolhe as palavras que são mais familiares ao ambiente em que vive, a que é exposto culturalmente. O léxico muito diz sobre a cultura de um povo, das características de uma comunidade linguística. Os aspectos sociais e culturais classificados como “externos” à língua devem ser levados em consideração se partimos da perspectiva de Sapir (1969), que indica a relação de influência do ambiente sobre a língua. O autor afirma que língua e cultura nascem juntas, mas a primeira não consegue acompanhar a segunda em um determinado momento, pois a mudança cultural acontece de forma mais rápida que as mudanças da língua. Contudo, a cultura influencia e exige mudanças linguísticas, principalmente lexicais para acompanhar sua transformação.

O léxico é a parte da língua que mais sofre influência do ambiente, justamente por ele contemplar todas as experiências vividas por dada comunidade, tendo a característica de diferenciar grupos uns dos outros. A relação entre léxico e cultura está tão intrínseca que “o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo” (SAPIR, 1969, p. 51). Esse fator compõe a diferença de entradas entre as variantes que existem em uma “mesma língua”, como é o caso do português de Portugal e o do Brasil, e até mesmo entre as diferenças dialetais grafadas em dicionários específicos. Todas as Línguas Oraís, doravante LO, podem ou não obter traços linguísticos em comum, e de igual maneira acontece também com as LS. É um mito declarar que as LS espalhadas pelo mundo são idênticas, uma só para todos os surdos situados em diferentes partes do mundo. Cada país tem a sua própria LS, sua cultura, contemplando dessa forma a afirmação de Sapir.

3 Cognatos e falsos amigos

Levando em consideração as semelhanças lexicais presentes nas LO, o cognato corresponde a uma ocorrência linguística que é utilizada como estratégia

no processo de ensino e aprendizagem de línguas que compartilham uma mesma raiz, bem como no processo de tradução dessas línguas. As palavras cognatas possuem forma e significado idênticos ou bem parecidos, levando o falante a fazer uma confluência lexical entre as línguas. Contudo, muitas vezes essa ligação pode ser um “falso amigo”, possuindo um

signo linguístico que, geralmente pelo efeito de partilha de uma mesma etimologia, tem uma estrutura externa muito semelhante ou equivalente a de outro signo numa segunda língua, cujo significado é completamente diferente. Essa comunidade de formas ou aparências leva o falante bilíngue a estabelecer uma correspondência de significados ou, aproveitando a mesma terminologia, a acreditar numa relação de amizade semântica falsa. (VAZ DA SILVA; VILAR, [2003] 2004, p. 3).

A partir do proposto acima, contamos com duas estruturas que toda palavra tem, a externa e a interna. A externa corresponde à escrita e à fala, já a parte interna são os valores semânticos, as significações, estabelecendo, portanto a relação significante/significado do signo linguístico proposta por Ferdinand Saussure. Desse modo, os falsos amigos seguem um princípio norteador: formas similares e significados diferentes.

Nas LS, ocorre esse mesmo fenômeno lexical, não obstante, com algumas diferenças. Enquanto que nas LO as formas externas consideram o som da pronúncia e diferenças na grafia, nas LS a similaridade dos cognatos é baseada na comparação dos parâmetros linguísticos descritos no tópico anterior. Pesquisas como a de Al-Fityani e Padden (2006) já consideraram essa mesma adaptação dos cognatos das LO para as LS. Por conseguinte, evidenciamos aqui três principais classes: os cognatos, sinais com todos os parâmetros iguais, os cognatos de vocabulários similares, aqueles que apresentam apenas um dos parâmetros distinto oferecendo o mesmo valor semântico, e os falsos amigos, com sinais que são escritos e sinalizados da mesma forma e possuem diferentes valores semânticos.

4 Metodologia

O *corpus* para esta investigação foi coletado do *site* de recursos *American Sign Language University (ASLU)*, disponível em *lifeprint.com* e administrado pelo prof. William G. Vicars, conhecido por Bill Vicars, surdo e professor associado na *California State University*. O *site* é destinado ao ensino de ASL e está dividido em quatro níveis, compostos por trinta lições cada um. As lições são realizadas em vídeo, contando com a participação de uma aluna real, em processo de aprendizagem de ASL. Todas as lições, além do vídeo-aula correspondendo cerca de trinta e cinco minutos cada, disponibilizam uma lista de vocabulários utili-

zados na referida aula, tendo em torno de vinte novas palavras. Além do curso outros recursos estão disponíveis no *site*: lista dos cem primeiros sinais, prática de soletração, informações sobre a história da ASL entre outros.

O *site* oferece gratuitamente apenas as quinze primeiras lições do nível inicial, a realização do curso completo de ASL pelo ASLU requer a compra dos demais módulos. A continuação dos módulos pode ser encontrada em formato de discos, acessíveis em livrarias ou por *download* no *site* *lifeprint*. Portanto, foram aproveitadas aqui apenas as primeiras quinze lições e a lista dos cem primeiros sinais. Para a comparação com a LSB foi utilizado o vocabulário presente no dicionário Novo DEIT-Libras, obra que contém grande número de entradas em LSB e também nosso conhecimento empírico como participantes das comunidades surdas e utentes da LSB.

Para a análise dos dados, os sinais selecionados foram escritos empregando o Sistema Brasileiro de Escrita de Sinais (ELiS) proposto por Barros (1998, 2015). Este sistema é de base linear e alfabética e é uma escrita eficaz para ser utilizada com qualquer LS como apresentando por Fernandes (2013, 2015). Como base teórica foi utilizada a teoria de McKee *et al.* (2000), que apresentam uma pesquisa de comparação léxico-estatística entre LS, com critérios rigorosos que foram considerados no momento das apreciações para os cognatos.

Importante destacar que foram levados em consideração quatro parâmetros da LSB: CM, OP e MO, pois o quinto parâmetro, o de ENM no sistema ELiS, é acoplado ao grupo de MO, não descrevendo todas estas expressões, já que muitas destas são realizadas pelo leitor no momento da sinalização. A ELiS além de seus visografemas (letras) faz o uso de diacríticos que foram nesta ocasião levados em consideração no momento das apreciações. Deste modo, sinais em que se diferenciam pela presença de diacríticos foram considerados como vocabulários similares.

5 Análise dos dados

Inicialmente os dados deste trabalho foram escritos no sistema ELiS, perfazendo o total de quinhentos e noventa e cinco sinais; os sinais presentes nas lições que utilizam o processo de empréstimo linguístico por meio da digitação não foram computados e analisados. Após a escrita foram separados os sinais que apresentavam a característica de cognatos com o total de setenta e três sinais e os cognatos de vocabulário similar, somando doze sinais. Além dos cognatos serão apresentados os falsos amigos encontrados entre as duas línguas; para esta parte da análise tomamos como referente o trabalho de Vaz da Silva e Vilar ([2003] 2004), adaptando esta teoria para as LS, perfazendo os falsos amigos o total de vinte e quatro sinais. A seguir, será apresentada a parte dos vocabulários analisados e inventariados nesta pesquisa. A apresentação será dividida em três quadros,

após a explanação de cada uma, serão indicados pontos pertinentes para esta pesquisa e posteriormente algumas curiosidades encontradas entre as línguas-alvo.

Quadro 1 Cognatos com todos os parâmetros iguais

INGLÊS AMERICANO	ASL / LSB ELIS	PORTUGUÊS
<i>Baby</i>	//_+ ⁰ ⊂↔	Bebê
<i>Bath</i>	//i. ⁰ ⊂⊂↓	Banho
<i>Before/past</i>	_+⊂-IL	Antes/Passado
<i>Big</i>	//+ ⁰ ⊂⊂+	Grande
<i>Bike</i>	//.⊂⊂ ⁰	Bicicleta
<i>Bird</i>	\.⊂.⊂ ⁰	Pássaro
<i>Book</i>	//+ ⁰ ⊂⊂ ⁰	Livro
<i>Box</i>	//+ ⁰ ⊂⊂. //+ ⁰ ⊂⊂⊂	Caixa
<i>Brush-teeth</i>	i. ⁰ ⊂↔	Escovar os dentes
<i>Call</i>	_... ⁰ ⊂⊂	Ligar
<i>Call me</i>	_... ⁰ ⊂⊂T ⁰	Me ligar
<i>Call you</i>	_... ⁰ ⊂⊂⊂	Ligar para você
<i>Car</i>	//. ⁰ ⊂⊂↓	Carro
<i>Car/Drive</i>	//. ⁰ ⊂⊂↓	Carro/Dirigir
<i>Chair</i>	.#.⊂.#.⊂⊂↓	Cadeira
<i>Child</i>	+⊂⊂↓	Criança
<i>Children</i>	+⊂⊂→	Crianças
<i>Clothers</i>	//_... ⁰ ⊂⊂↓	Roupas
<i>Coat</i>	//i. ⁰ ⊂⊂. //i. ⁰ ⊂⊂	Casaco
<i>Cold</i>	//.⊂⊂+	Frio
<i>Communicate</i>	//<⊂⊂-⊂	Comunicar
<i>Cool (temperature)</i>	//_... ⁰ ⊂⊂	Fresco (temperatura)
<i>Couch</i>	.#.⊂.#.⊂⊂↓.<⊂⊂+	Sofá
<i>Cow</i>	_...⊂⊂-IL	Vaca

(continua)

é sabido da forte influência que a ASL e a LSB tiveram da LSF, no entanto, esta pesquisa pode reforçar a ideia de Woodward (1978), quando afirma que algumas variedades da ASL surgiram anteriormente ao contato com a LSF. Tendo como base a ideia de que se estas línguas compartilham a mesma raiz apresentariam uma taxa maior de similaridade entre seus signos linguísticos, não sendo o ocorrido entre os dados aqui analisados.

Quadro 2 Cognatos vocabulários similares

ASL / ELIS	INGLÊS	LSB / ELIS	PORTUGUÊS
//.ll.□□□□	<i>About</i>	//.ll.□□□□	Sobre
//.l.□□□□	<i>backpack</i>	//.l.□□□□	Mochila
//<□□□□□	<i>Ball</i>	//<□□□□□	Bola
//.□□□□	<i>Can</i>	//.□□□□	Posso
\.□□□□→	<i>Cat</i>	\.□□□□→	Gato
//<□□□□□	<i>Close-door</i>	//<□□□□□	Fechar a porta
.l.□□□□.l.□□□□	<i>Deaf</i>	.l.□□□□.l.□□□□	Surdo
□□□□□	<i>Don't Know</i>	□□□□□	Não sei
<□□□□□	<i>Milk</i>	<□□□□□	Leite
□□□□□□□□ □	<i>Negation</i>	□□□□□□□□	Negação
.l.□□□□□	<i>Red</i>	.l.□□□□□	Vermelho
.ll.□□□□	<i>stand</i>	.ll.□□□□	De pé

Os sinais aqui ponderados denominados de cognatos similares apresentam apenas um dos parâmetros distinto oferecendo o mesmo valor semântico. Deste modo, foram levados em consideração os diacríticos que são utilizados no sistema ELiS, tendo estes a função de modificar o visografema, dando à unidade distintiva dos parâmetros outra significação. O grupo que mais apresenta variante é o de Movimento, com seis sinais que se diferenciam dentro deste grupo. Em seguida, temos os de Orientação da palma com dois, e os de Configuração de mão e Ponto de articulação tendo apenas um em cada grupo. Levando em consideração os diacríticos, é importante observar que o sinal de ‘gato’ se distingue apenas pela presença de contato no ponto de articulação do sinal na LSB, enquanto o sinal ‘surdo’ se diferencia pela ausência do diacrítico de lateralidade indicando o contato no canto direito da boca.

Quadro 3 Falsos amigos

INGLÊS	ASL / LSB / ELIS	PORTUGUÊS
<i>Always</i>	.I.回回o	Sozinho
<i>Brain/mind</i>	.I.回=˘	Pensar
<i>Candy</i>	.I.回回回L˘	Balinha
<i>Chat-With</i>	//.I.回回L˘	Libras
<i>Chicken</i>	\\.回.-#	Pássaro
<i>Class</i>	//<.回回回o˘L	Congresso
<i>College/University</i>	//.回回回回.-L	Impressão/publicar
<i>Cook</i>	//.回回回回回回..//.回回回回	Intérprete
<i>Dirty</i>	.I.回回回回L˘	Ruim
<i>Electric</i>	//.回.回回回回回+˘	Meia
<i>Excuse</i>	.回回回回回˘	Secretaria
<i>Hot-dog</i>	//<.回回回回回+˘	Salsicha
<i>Library</i>	.I.回回回回o	Literatura
<i>Maybe</i>	//.回回回回回回˘	Leve
<i>More</i>	//<.回回回回回+˘	Beijo
<i>People</i>	//<.回.回回回回回˘	População
<i>Please</i>	.回回回回回回o	Prazer
<i>Rigth</i>	//.回.回回回回回回回˘	Por que
<i>Some</i>	.回回回回回回回回T	Repartir
<i>Sorry</i>	.I.回回回回回回o	Agosto (mês)
<i>Store</i>	//<.回回回回回回L˘	Flexível
<i>Thirsty</i>	.I.回回回回回回回回˘	Vontade
<i>Where</i>	.I.回回回回回回回回回回˘	Negação (não)
<i>Wrong/mistake</i>	...回回回回回回回回回回	Desculpa

Esta parte do trabalho evidencia os sinais encontrados e definidos nesta ocasião como falsos amigos. Estes são percebidos quando há o contato entre duas diferentes línguas que apresentam semelhanças entre algumas palavras/sinais. Nas LS, os fatores externos são difíceis de serem analisados, no que se refere aos falsos amigos. Sinais que possuem os mesmos parâmetros não podem ser sinalizados de formas diferentes, ou serem sinalizados de formas iguais e escritos de forma diferente. Este fato nas LO é corriqueiro devido às diversas formas de pronunciar uma mesma palavra.

Portanto, evidenciamos a importância do fator interno do sinal para a apreciação dos falsos amigos nas LS que, muitas vezes, nos leva a uma tradução errada do real significado do sinal. Assim, os falsos amigos aqui são definidos como sinais que são escritos e sinalizados da mesma forma e possuem diferentes valores semânticos. Ao visualizar o mesmo sinal não sabemos se trata de uma mesma palavra em duas línguas diferentes, ou se estamos diante de duas palavras distintas, como pode ser observado na tabela acima. Para esta compreensão, é necessário relacionar o significado e o significante em ambas as línguas, levando em consideração seu valor semântico e não apenas seus fatores internos.

Dentre os dados analisados podemos destacar algumas curiosidades entre as duas línguas, o sinal “porta” em ASL  é adotado pela ELiS tendo a estrutura de um sinal composto. Na LSB utilizamos estes sinais, porém tendo cada palavra seu significado,  o de “abrir a porta” e  de “fechar a porta”. O mesmo ocorre com o sinal de “Casa”  que, na LSB, utilizamos apenas o primeiro sinal  representando iconicamente o telhado de uma casa, já em ASL além do telhado há a representação das paredes laterais. Em ASL o sinal  possui dois valores semânticos, o de caixa e o de quarto, na LSB este sinal é utilizado apenas para se referir a “caixa”, tendo o referente “quarto”  um sinal próprio.

O sinal, em ASL,  é uma das variações em LSB para “família”, no entanto não foi computado a estes dados pelo fato de esta variação não estar representada no dicionário Novo DEIT-Libras, nosso *corpus* de comparação, ainda que esta variação do sinal seja utilizada cotidianamente dentre as comunidades surdas, fazendo parte da LSB. Não podemos afirmar que seja esta uma forma informal; para isto, necessita-se de um estudo mais aprofundado que indique a formalidade da LSB. No entanto, ao entender que a fala/sinalização é um ato individual e mais flexível que a escrita, podemos dizer que temos o mesmo referente para este sinal entre as duas línguas.

Conclusões

Uma das características presentes nas LO é a arbitrariedade dos signos linguísticos, o que se percebeu com os dados cotejados ser também marcante nas

LS analisadas. O mesmo signo possui um valor diferenciado se comparado com outras línguas; portanto, podemos destacar aqui a arbitrariedade presente nas LS, tendo como ponto de partida para esta afirmação a análise das duas línguas presentes neste trabalho, o que reforça, mais uma, vez o *status* de língua das LS.

Como dito anteriormente, pelos dados históricos é sabido a possível influência da LSF sofrida pelas línguas mencionadas nesse trabalho (LSB e ASL) e conforme a teoria fundamentada por alguns autores. No entanto, os dados nos mostram que elas podem não ser tão próximas assim, afirmando mais uma vez a pesquisa feita por Woodward (1978).

São poucas as teorias e trabalhos realizados no que se refere aos cognatos nas LS. Por isso, foi necessário ter como ponto de partida as teorias voltadas para as LO, realizando uma adaptação destas teorias para as LS, respeitando a estrutura das mesmas. Durante a análise dos sinais elencados foi percebida uma quantidade mínima de sinais com estas características. Diante disso, conclui-se que a quantidade de cognatos encontrados entre ambas é pouca para sustentar uma estratégia de aprendizagem entre elas. Deste modo, carece de uma pesquisa mais aprofundada para consolidar a teoria aqui apresentada, podendo este trabalho abrir caminhos para pesquisas nesta área.

Referências

- AL-FITYANI, Kinda.; PADDEN, Carol. Uma comparação lexical de Línguas de Sinais no mundo Árabe. In: QUADROS, Ronice. Muller de.; VASCONCELLOS, Maria. Lúcia Barbosa de (Org.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. SC: Arara Azul, 2006. p. 130-139. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf >. Acesso em: 4 ago. 2016.
- ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- _____. **ELiS: escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática**. 2008. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BATTISON, Robbin. **Phonological deletion in american sign language**. Sign Language Studies, v.5, p.1-19, 1974.

BRASIL. **Lei Federal 10.436**, de 24 de abril de 2002. *Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*, 2002.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina. *Novo DEIT-Libras. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*. Vol. 1 e 2. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

COUTINHO, Amândio da Encarnação. Surdo, professor de surdos- perspectiva histórica e situação atual. In: MOURA, Maria, Cecília de. *et al. Educação para surdos: práticas e perspectivas*. São Paulo: Editora Santos, 2008 (Cap. 2).

FERNANDES, Leandro Andrade. **ELiS: internacionalização da escrita das línguas de sinais**. Saarbrücken, Deutschland: Novas edições acadêmicas, 2015.

_____. **A viabilidade da ELiS em vinte línguas de sinais**. 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1995.

MCKEE, David; KENNEDY, Gaeme. Lexical comparisons of signs from American, Australian, British and New Zealand Sign Languages. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Org). **The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**, Mahwah, 2000. p. 49-76.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. **Introdução à Linguística Românica: histórico e métodos**. São Paulo: Cultrix, 1976.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p. 292-302, jun. 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ARTMED: Porto Alegre, 2004.

ROCHA, Solange Maria da. **O Ines e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: _____. **Linguística como ciência**. Tradução de J. Mattoso Camara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.p.43-62.

SAVITT, Ari. **Evolution of a Language: American Sign Language. History 6**, American Sign Language: Deaf History, 2007. Disponível em: <<http://www.lifeprint.com/asl101/topics/history6.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras Libras na modalidade à distância. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

VAZ da SILVA, Ana Margarida C.; VILAR, Guillermo Rodrigues. “Os falsos amigos na relação espanhol – português”, **Cadernos de PLE 3**, [2003] 2004, p. 75-96. Disponível em <<http://www.ii.ua.pt/cidlc/gcl/>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

WOODWARD, James. The relationship os sign language varieties in India, Pakistan, and Nepal. **Sign Language Studies**, v. 78, 1993. p. 15-22.

